

JOÃO DE DEUS

(8-3-1830 A 8-3-1930)

É apenas assomar à minha memória êste nome, isento de consoantes duras, agressivas, maviosa trindade com o que quer que seja de ressonância divina, e logo se me des-cerra um horizonte cheio de luz, um passado áureo donde se destacam homens que eram outros, outras as mentalidades, outros os sentimentos, costumes menos grosseiros, menos vulgares que os de hoje, outras ideias de encanto poético: até os pecados e as pecadoras eram mais galantes mesmo na sua impudicícia...

Diferença dos tempos! Há quási 60 anos estive em Portimão João de Deus. Velhos e moços apreciavam-no, seguiam-no, interessavam-se pela sua alta inteligência. O mesmo sucedeu com Bulhão Pato e Ramalho Ortigão, vindos anos depois. Publicavam-se então ali quatro jornais que se interessavam pela política e pelas Letras. Hoje, Portimão, cidade, tem apenas um jornalzinho de anúncios, em meia-fôlha: dobrada esta pode meter-se na algibeira do colete. Agora a mocidade só pensa no futebol, em cavalos, e na sardinha que teima em não visitar todos os dias a costa algarvia.

Outros tempos, é certo. E é para êles que se volta a minha saúde. Quando além, na aldeia de Messines, avisto a janela onde algumas vezes surpreendi o criador das *Flores do Campo*, então na pujança dos seus trinta anos, êsse lugar, ainda intacto de malfeitorias reconstructoras, povôa-se na

minha imaginação dos encantos próprios da meninice, onde tudo é luz, tudo é rosa e oiro, paisagem tôda sonho e que a minha pobre pena malissimamente pode traduzir...

Nem admira! Nessa aldeia, e nas minhas folgas da escola de Silves, conduzida brutalmente por um mestre primário carantonhento, um carrasco à maneira romana, eu descurava as brincadeiras próprias da idade para quê? Para ir, ao adro da Igreja, contemplar o *senhor doutor*, à sua sacada. Esquecia tudo: só me importava o homem, de quem a Lenda desfiava maravilhas com disparates à mistura. E quantas vezes o vi, num recolhimento profundo de tôda a sua pessoa, olhos vagamundeando pelos campos fóra, sonhando, poetando, sem dúvida, tomando cada aspecto da paisagem para tema dos seus versos. E quem sabe! talvez a sua imaginação se alheasse para o incomparável pitoresco da feiticeira Coimbra que êle poucos anos antes deixára, supondo-se talvez na ponte de alvenaria (que ainda conheci), espreitando ou seguindo os passos do nosso Grande Épico e Lírico, quando êste ia haurindo motivos emocionais de tudo o que observava para os seus Sonetos, para as suas Canções, Quintilhas e Sextilhas, dizendo, como desabafo da sua alma, ao decantado rio que êle sem dúvida tantas vezes mirou, a montante e a juzante:

Doces e claras águas do Mondego,
Doce repouso da minha lembrança,
Onde a comprida e pérfida esperança
Longo tempo após de si me trouxe cego!

Que outro cantinho de Portugal pode, como Coimbra, ferir ou caldear imaginações de poetas?

A ponte-de-pedra! Mais uma tradição que a feiticeira cidade do Mondego sepultou no olvido, cedendo aos pruridos do Progresso. Calcurreada por estavanadas ou melancólicas gerações de académicos, a poética ponte foi impie-

dosamente demolida em 1873 para dar lugar ao gaiolão metálico, inestético, emmaranhado de rectas de ferro, estupidamente hirtas, prendendo na sua garra um pavimento estirado de madeira, — documento insulso de mau-gôsto, imposto a êsse e outros lugares do País! Pela outra ponte, a tradicional, transitaram durante séculos massas estudantis, anónimas, mas por ela passaram Camões e Sá de Miranda e quasi nos nossos dias Garrett, Antero de Quental, João de Deus, Junqueiro, Monsarás e quantos mais! Ali, João de Deus, acamaradado o seu espírito com o do Épico, e repastado da obra camoneana, respirou indiscutivelmente a melancolia, tôda a saúde que ressuma da obra do Grande Lírico do século xvi...

Mas é forçoso voltar às minhas reminiscências juvenis.

Vendo mais de perto o lendário poeta algarvio, tomei-me do encanto que êle a todos inspirava. Para falar da sua pessoa é preciso ter um pouco da sua alma de escol, da sua bondade, da sua simplicidade e até da ironia que nêle assumia por vezes graça muito especial. É com tal tinta simpática, isenta de grosserias e de maldades, que se deve escrever de João de Deus.

Freqüentes vezes o vi eu, como disse, à sacada com os seus olhos de sonho, alheados, olhos que perscutavam teimosamente as regiões encantadoras do subjectivo, compondo talvez os seus melhores versos, muitos inéditos, porque quasi sempre o que se pensa e não é confiado ao papel, esvai-se como fumo, perdendo-se, quantas vezes! o melhor de um génio: a música mais sentida e profunda de Beethoven foi precisamente a que êle improvisava, horas seguidas ao órgão, e assim sucedia a Liszt; perderam-se êsses raptos geniais por falta de fonógrafo ou qualquer outro mecanismo de reprodução.

Era visto o nosso Poeta deambulando pela aldeia, agora e logo, entrando nas casas amigas — eram-no tôdas! — para

conversar uns momentos com as gentes simples. Assim o topou o meu curioso espírito na modesta habitação de uma das minhas tias. Sobraçava êle um pianinho-órgão (harmonium-flute, então na voga) e, pela maneira como foi saúdado familiarmente, parece que a sua leve indumentária ia de mal com a quadra invernosa:

Doutor! Calça branca em Janeiro, sinal de pouco dinheiro!

Era forma pleonástica de dizer!... O Poeta raros ou nenhuns cobres traria na algibeira, e sem dúvida teria em mais apreço um belo conceito de Camões que um milhão de cruzados. E então nesses tempos de idealismo!

João de Deus tocou — e com que sensibilidade encantadora! e depois conversou na mais simples e desenfadada maneira. De repente, sus! desaparecia, como meteóro errante! Desarvorava para casa de outra família com o pianinho sobraçado e levando para lá outro bocado de arte e de conversação affectuosa, lhana, demorando talvez a vista na morena que lhe inspirou os famosos tercetos:

Maria, ver-te à porta a fazer meia
Olhando para mim, de quando em quando,
É o que nesta vida me recreia.

Todos morriam na aldeia, velhos e velhas, moços e moças, pelo sr. doutor, sempre meiguice, sempre bondade com os humildes. Quando, porém, menos se esperava, novo eclipse do astro! Estaria em casa preso pela doença ao leito? Qual! Viera um criado com uma carta e um cavalo ou macho; João de Deus lera a carta, montara parranamente a alimária indo apear em Silves, como hóspede do seu amigo José António Garcia Blanco (primeiro editor, desinteressado das *Flores do Campo*) ou em Portimão, hóspede do seu amigo Domingos Leonardo Vieira, tão desdenhoso do dinheiro

como o Poeta, ou em Estômbar, hóspede do prior, que sei eu!

O eclipse, às vezes, durava dias e dias, e até anos. Novo salto para Silves, para o Alentejo, para a aldeia: todos o queriam como hóspede e conversador incomparável.

Algures, nos diz Bulhão Pato que foi moda há muitos anos, trazer ao peito Alexandre Herculano, em quasi devoção, como hoje por convicção ou *snobismo* o é trazerem as damas, como divisa elegante no peito, miniaturas da Virgem ou dos Sagrados Corações — invenção de mestre da genial Companhia de Jesus... Pois também foi moda, nos meus tempos de adolescente, apanhar algum amigo a sorte grande, quere dizer — ter como hóspede João de Deus. E assim a Lenda ia amplificando os méritos do poeta e do homem, quasi divinizando-o!

*

Do nosso menino algarvio se sabe que o baldearam para Coimbra, com o fim de se preparar para a formatura, na Universidade. Lá venceu os preparatórios, ao tempo ainda não abarrotados de sciência que hoje os torna quasi um curso definitivamente superior; passou depois à Universidade, mas não se afadigou nem se ralou, e parece que às solicitações de condiscípulos e admiradores, alcançou trôpegamente a sua formatura, ao cabo de dez anos — a duração do *cêrco de Troia* — como pitorescamente a definia aos amigos.

Para quem conheceu a Universidade, e observou como ela pontificava há cinqüenta anos, sessenta e mais, o caso da formatura de João de Deus é problema algo bicudo, dos menos fáceis de resolver. Nesses tempos em que a empáfia doutoral era soberana, cultivando tradicionalmente uma pedagogia jesuítica, retrógrada, bafienta, escórada no Fôro Académico, pedagogia que punha os estudantes, conside-

rados como meninos de aulas primárias, a uma distância respeitável dos Professores, fazer versos, escrever artigos para jornais, cultivar em suma as letras e as artes, levar vida boémia, eram atrevimentos imperdoáveis, constituindo, por tanto, desacato ou irrespeito imperdoável à majestade doutoral, à seriedade da Cátedra, à disciplina académica. Sôbre tais libertinos pairavam inflexivelmente os *RR* e as reprovações. Faz versos? Faz artigos para jornais? Leva vida folgada? *Ergo*, concluíam os senhores Lentes, pita-deando mazorralmente, não estuda o compêndio! Vais receber o devido castigo. E lá vinha o *R*, ou a carga máxima — a reprovação. Tiveram *R* no 5.º ano João Penha — o que valeu à poética portuguesa um dos seus mais célebres e cáustico sonetos — e outros poetas que afinal deram lustre à Universidade precisamente por serem homens de letras. Para a chusma doutorada estava sempre de pé o dilema: ou engolir *as fêzes de velhos compêndios* (na frase pitoresca de Eça de Queirós) ou *rua!* Aqueles cérebros não viam mais longe!

A ausência de cultura geral, mediana ou superiormente humanista nos doutores desses tempos só pode definir-se sob estas justas palavras: — uma coisa supinamente lamentável! Apontava-se, como excepção extraordinária — e talvez extravagante, no conceito dos arrogantes senhores do capelo e borla —, o dr. José Falcão que, se não era uma humanista, no sentido rigoroso do termo, possuía grandes conhecimentos fóra do círculo matemático, em que era profundo, e distinguia-se precisamente por uma cultura variada que os colegas mal sabiam apreciar, dada a inópia e o vazio dos seus cérebros. As quais cabeças ôcas se vingavam da sua crassa incultura castigando eliminatòriamente os rapazes de letras, mórmente se os apanhavam tímidos, receosos ou fracos, *estendendo-os* com artimanhas verbalistas, coisa sempre fácil para o Lente, *na mó superior do moinho*. E quantos douto-

res não sossobriariam invertendo-se os papéis, passando êles para a mó de baixo e os examinandos para o plano superior?!

Mas voltando a êsses tempos de prosápia professoral:

Como explicar então que João de Deus, poeta, boémio de espírito, eterno sonhador, inimigo mesmo da *sebenta*, conseguisse formar-se em Direito, singrando por entre os Lentes de *tipo fradesco e bruto*, sem que estes lhe promovessem naufrágio? Por que milagre se deu uma aberta no seu critério teimosamente fechado à Poesia, à Arte, ao Belo, em suma?

O facto só pode explicar-se pela irresistível simpatia que João de Deus inspirava a todos os que caíam no seu trato. Simpatia, talento ou génio, bondade, despretenção, êsse quê de elevada espiritualidade que se impõe mesmo aos menos favorecidos de cerebração, nem tanto era preciso para ganhar amizades, dedicações e admirações que nem o tempo conseguiu dissolver. Não esqueça a Lenda que o acompanhava desde criança e a amizade de companheiros de casa e de condiscípulos, alguns dos quais foram ainda seus professores: Barjona de Freitas, por exemplo. Êste não era bruto nem tinha o tipo fradesco, e não pouco censurado foi por ter dado um pouco de ar liberal à Universidade, tratando familiarmente os seus discípulos. Quando quiseses que te chame — disse um dia a João de Deus — previne-me.

— Pois sim!

João de Deus não mais pensou em tal!

Como se comportava êle nas lições? Naturalmente tomando qualquer frase do compêndio, como tema para divagações; mas... era João de Deus, e o Lente não arriscava sempre a terrível advertência do estilo, quando o estudante excentrava do texto:

— Cinja-se ao compêndio! Cinja-se à lição!

Colhe-se na tradição — e desta se fêz eco o poeta italiano

António Pádula, no estudo comemorativo do centenário de João de Deus que devo à sua obsequiosidade, — uma atenção do Lente dr. Vicente Férrer, com o nosso poeta, consentindo-lhe excepcionalmente o ler uma linha do compêndio feito por êsse professor, e falar sôbre ela a hora inteira. O severíssimo Lente, se é certa a tradição, fê-lo, sem dúvida, pelo alto merecimento do discípulo; até os condiscipulos, admirados *daquella profanação e com grande giubilo del dotto professore... che ammiró il talento originale, spontaneo ed audace del suo discepolo* quasi não queriam acreditar no espectáculo ináudito nos anais universitários.

Isto explica, sendo assim, o milagre da formatura...

Por fim — a conclusão do Cêrco de Troia — isto é, a formatura do Poeta. E aí vai João de Deus a caminho de casa, depois de ter passado ainda alguns tempos em Coimbra, fazer o quê? Êle não fôra talhado para a acção, para a luta...

À roda dessa formatura, attribuía a lenda local, ao pai do nosso Poeta, êste desconsolador desabafo: — Tenho dois filhos: um é *doutor-burro*, outro é *burro-doutor*.

Burro-doutor? Que espécie era essa ainda hoje tão vulgar, mas que Pedro José dos Ramos desconheceria, nesses tempos em que por dificuldades de comunicações, Coimbra com os muitos burros que ela anualmente deita cá para fóra, constituía nos confins do país quasi um mito?

O burro-doutor vinha a ser um irmão de João de Deus, António Pedro Ramos, tipo curioso de boémio aldeão. Era um falador incansável, esperto, arguto, iletrado, mas com uma lábia que causaria inveja aos mais afamados fraseólogos vindos lá de Coimbra! Moinho de palavras, sem dúvida, mas a que não faltavam acêrtos. Que belo advogado chicaneiro ganharia o Fôro, se a bolha o tivesse levado à Universidade! Quantas vezes o ouvi palrar, ainda de madrugada, cortando-me fragorosamente os sonos! Não tinha letras, mas que

importava isso a quem encontrava na sua cabeça soluções para os casos difíceis?! Dava conselhos aos campônios a dois dedos de confiarem aos tribunais as suas queixas contra vizinhos esporeados por as sempiternas disputas nascidas de partilhas de águas de rega ou servidões invadidas de má-fé. E António Pedro palrava, discutia, e agora um copinho de aguardente, e uma réplica ao pobre argumento do queixoso, e vá lá outro copinho, com o competente conselho; e mais outro copinho, e assim conseguia abrandar as fúrias do teimoso. E a final o burro doutor lograva trazer os demandantes à concórdia, desviando os seus aconselhados das garras forenses e conseqüentes custas fatais nos pleitos em Juízo. Se lhe davam alguns cobres aceitava-os, mas nada pedia aos labrotes seus consulentes de ocasião. De maneira que o palrador, sem letras, tinha afinal espírito prático, o que não sucedia ao irmão. Como temperamento, o avêssio do doutor.

Ah! Esquecia-me dizer aos vindoiros que eu vi — como isso vai longe! — João de Deus advogar, em Silves, pela primeira e única vez. Assisti a essa audiência — uma festa para os olhos e para os ouvidos, está claro, dado o prestígio do Poeta.

O advogado, contra a praxe, falou, ou antes conversou... sentado. Em certa altura, porque o sol ia demandando o poente e lhe fizesse pirraças nos olhos, pediu ao oficial de diligências que ajeitasse os batentes da janela em posição favorável. O crime do réu parece que não era de costa-acima. A naturalidade persuasiva do advogado, o à-vontade da exposição, a graça despretenciosa no discorrer, ganharam ao criminoso a absolvição. A defesa foi gratuita, excusado será dizê-lo; mas João de Deus não mais advogou.

Hóspede de Garcia Blanco em Silves, o Poeta encontrava-se com os seus amigos nas lojas daquela cidade; os amigos faziam-lhe roda para gosar o encanto da sua palestra. Já então com os meus 14 ou 15 anos pude observar

melhor a lendária personagem. O seu tipo de Semita ou de Beduino cepilhado pela civilização europeia excentrava do vulgar: olhos grandes flutuando em perpétuo sonho, nariz aquilino, constituíam um rosto que se destacava à simples vista, — questão de avitismo, talvez, sabido que no Algarve predominou o Berbére e o Moiro. E sem dúvida João de Deus foi, etnològicamente, um exemplar representativo da província algarvia. Devia contar por essa época uns trinta e dois ou trinta e quatro anos. Dá bem a ideia do João de Deus de então — ou *antanho*, diria um nosso pescador de obsoletismos — um retrato seu, de capa e batina, tirado em Coimbra: cabelo escuro, farto, pujante, barba mediana, belos olhos de uma expressão meditativa, sonhadora: um todo suave e que permite adivinhar uma alma incompatível com ódios e talhada para o amor. O Poeta e meu pai conheciam-se e estimavam-se, o que me valeu receber dele uns rudimentos de música e da língua francesa. Poucas foram as lições: pois se o Poeta andava quási sempre de empréstimo por casas de amigos e admiradores! Alguém me asseverou que o Poeta compusera uma elegia alusiva à cecidade de meu Pai. Se assim foi, perdeu-se, como muitas outras poesias, ou por acaso de qualquer pé-de-vento ou por ignorância bronca de criados para quem as tiras de papel com letras seriam coisas sem valor, dignas da vassoirada para o quinchoso ou para a rua.

*

Aí por 1868, dois candidatos a deputados lutavam no círculo de Silves com sanha ferina pelo paraíso de S. Bento, mas os arúspices eleitorais previam derrota para os dois galos. Consultaram-se então sôbre o caso os travesseiros e estes aconselharam um nome de estrondo. Que nome? O que andava na bôca de tôda a gente — João de Deus! Para messias não lhe faltava a bondade. Mãos à obra: o sebas-

tianismo nacional não abdicava os seus direitos; numa volta de urnas surgiu eleito o Poeta. Estavam servidos os algarvios! João de Deus deputado, a creatura mais avêssa às coisas práticas da vida, aos negócios, o feitio mais rebelde ao prosaísmo da política, às cabalas do Parlamento, o homem para quem o dinheiro e honrarias alcançavam medíocre estima ou importância nula! Mas as urnas tinham falado, e havia de ter-se em conta o facto imperativo, a vontade popular. E toca para Lisboa, para S. Bento: a desilusão não tardaria...

Já então na capital, cumpria-me visitar o *meu deputado*, como era da praxe. E aí vou eu à Rua dos Douradores em cata da Pensão onde o improvisado político se hospedara. Creio que, como cumprimento, disse quaisquer banalidades e coisas campanudas sob a influência de Hugo — bons tempos em que o oiro falso da prosa dêsse grande astro me transtornava o miolo! frisando naturalmente o milagre de uma eleição levada a cabo num abrir e fechar dos olhos. Foi nesse momento que lhe ouvi a primeira de uma série de anedotas, num convívio de mais de trinta anos. Fitando-me, depois de escutada a minha loquela arrebicada, e com êsse leve sorriso que era nêle uma lição ou uma ironia:

— *Admiro-me muito de que Deus tivesse feito o mundo em seis dias; mas, olhe, ainda mais me admira que os nossos patrícios me tivessem feito deputado em três!*

Era como se pensasse:

— A que portas vocês, caros patrícios, vieram bater!

Sucedeu o que era de esperar: João de Deus foi duas vezes, se tanto, à sua câmara; não mais pôs lá os pés. Podia lá o seu feitio compatibilizar-se com as comédias parlamentares, esgrimições postiças, rancores de parada, fictícios, pois que os competidores acesos em fúria teatral lá dentro, se abraçavam cá fora, no espanto homérico dos ingênuos eleitores, pobres diabos que com os seus votos haviam triunfado,

à custa de lutas encarniçadas, a tiro ou a cacete, como razão do mais forte, criando ódios que, nas províncias, nem os anos decorridos amansavam ou atenuavam. Eram eles que haviam levado os seus eleitos àquilo que na linguagem hipócrita do tempo se chamava enfaticamente o *seio da representação nacional*. O qual seio vinha a ser simplesmente isto: uma feira de vaidades, de vorazes fomes de emprêgos, de altos cargos, e de chorudas coneziias à mesa do elástico orçamento.

Era impossível que João de Deus, a abnegação, a delicadeza, o desinterêsse em pessoa se afizesse a uma tal feira, a tal atmosfera de negócios escuros e de intrigas. *Eles arranjavam-se* — bem o sabia o deputado algarvio. Talvez não desconhecesse o caso típico de um nosso patricio que, anos atrás, empregára tôda a espécie de influências e traças para que as urnas o declarassem deputado. E conseguiu-o. Chega o procurador dos interêsses algarvios a S. Bento, e ainda mal se instalara na sua poltrona deputacial arranja por sua indústria e artes um lugar de recebedor ou coisa assim no Algarve. Ei-lo a largar barcos e rêdes e a ir amesendar-se na recebedoria, explicando a sua attitude aos ingênuos eleitores nestes cínicos têrmos:

— Meus amigos: neste mundo, *ego, ego, et semper ego!* Como vocês talvez não saibam latim, venho a dizer: *Eu, eu, e sempre eu!*

Eles arranjavam-se; mas João de Deus não tinha feito para as espertezas da época. *Eles é que são os espertos; nós não passâmos de uns tolos chapados!* Esta frase característica ouvi-lha eu numa das nossas primeiras conversas, em Lisboa. Que o Poeta não se convertia à filosofia esperta do tempo, bem o provam os seus anos de inópia, de quási miséria. Castigou-se voluntariamente, mas cultivava então um nobre ideal — a propaganda do seu *Método de Leitura*. Concebera-o e ia-o experimentando em analfabetos de variadas

espécies mentais, uns estúpidos, outros que, nas escolas primárias se haviam mostrado durante anos sucessivos rebeldes ao *a, b, c*. As experiências não falhavam. Dizia-me um dia, com santo contentamento, que solicitára de um seu amigo, capitão da Guarda Municipal, o ensaiar o *Método* nos alfabetos da sua companhia. Concedido; mas o capitão acrescentou:

— Se V. fôr capaz de ensinar a ler um soldado que lá tenho, o 74, digo-lhe que V. não é João de Deus, e sim o próprio Deus.

Ora, o tal 74 era dêste jaez: Preguntava-se-lhe, por exemplo, quantos braços tinha? Resposta:

— Sete!

— E pernas?

— Nove?

— Qual a tua mão direita?

O pobre diabo fazia sarilho com ambas as mãos, não adregando de pronunciar-se pela esquerda ou pela dextra.

Pois o 74 conseguiu aprender a ler sofrivelmente e João de Deus contava êsse resultado da sua experimentação, como um dos melhores argumentos a favor da sua *Cartilha Maternal*.

Mal imaginava êle as tempestades que o esperavam!...

A fama do *Método*, já pelos ensaios feitos nas escolas, já pelas referências da imprensa periódica chamou naturalmente as atenções do público. Citavam-se as maravilhas da experimentação nas crianças, como nos adultos, particularmente. Não foi preciso mais nada para se desencadear uma pavorosa tormenta causada por barrigas em vésperas de vacuidade, e que se tornou célebre, sob polémicas acicatadas por interesses a caminho de naufrágio. Com efeito, acordaram do seu sossêgo e rendoso sono os autores de métodos de leitura mais ou menos absurdos, mas todos torturantes para os cérebros infantis ou adultos. Os interesses feridos ergue-

ram-se de chofre em grande celeuma, ferozes, ameaçadores, de lança em riste para uma acometida que deitaria por terra, miseravelmente vencido, o impertinente inimigo, de peito feito para desmanchar a igrejinha a que eles tinham bem colados os seus benefícios. Entre injúrias e inépcias atiravam-se ao novo e intrometido método com a sanha de Santiago à vil moirama. Pretendia-se reduzir o inimigo pela fome. Socorriam-se, está claro, de uma lógica sedição, de uma argumentação de tendeiros iletrados, demonstrativa de supiníssima ignorância em matéria de alta pedagogia e por entre as malhas da qual se enxergavam as barrigas prestes a *dar horas*. O poeta, agora pedagogo por intuição e por necessidade (não o tentavam as altas culminâncias da Pedagogia), respondia aos ataques, umas vezes sereno, com bonomia, logo irónico, embora com paciência; mas se o ataque resvalava para a brutalidade, para a insolência soez, então lançava mão da arma zombeteira, sarcástica: os próprios santos muitas vezes saíam da sua paciência para a invectiva fulminante, e até para a persuassão a murro... E o Poeta continuava imperturbavelmente na sua missão ensinando o seu Método aos professores primários dos dois sexos para êsse fim comissionados pelos respectivos municípios. A sanha dos interesses feridos desbordava com a violência de catadupas. Cada vez mais feros e carniceiros, já descontavam uma vitória que estrondearia por toda a terra portuguesa.

Quis experimentar, por mim próprio, as vantagens do Método ensinando-o a umas parentas minhas, de Messines, bêrço do Poeta, mas sob o compromisso de uma conta exacta, sincera, desapaixonada das experiências, esquecidas por um pouco as maravilhas da *Lenda* que jãmais desacompanhou João de Deus, na sua terra natal. *A verdade — só a verdade!* Daí a pouco recebia informações pormenorizadas, seguras, dos resultados conseguidos. Eram de uma simplicidade comovedora! Homens e mulheres que haviam passado até

anos sucessivos nas escolas aldeãs choravam de alegria decifrando as letras, os nomes, as palavras que para eles tinham ficado como enigmas escritos em sânscrito ou chinês ou grego. As experiências por minha parte concordavam com aquelas informações.

O Método tem sido atacado com razões de má-fé ou falhas de peso, o que as põe naturalmente fora de discussão. Acaso algum crítico de reconhecido valor mental o tenha discutido, mas salvo o respeito devido à pessoa, os seus argumentos, alguns formulados cruamente, atingem o que quer que seja de puéril.

A guerra que então se movia à Cartilha não tinha por base argumentos de sã pedagogia, e sim um baixo interesseirismo, por tanto, inaceitáveis; e triste é confessá-lo: até editores inteligentes — não eram nesse tempo muitos, mas no grupo se destacava David Corazzi — se negavam à edição da *Cartilha Maternal*, convencidos talvez de que ela não suplantaria os métodos ramerraneiros adoptados e sustentados oficialmente.

Fê-lo um certo abade do norte, mas com provada má-fé. Por fim, o Poeta associou-se para a impressão e propaganda da Cartilha com o bacharel João da Costa Terenas, e nesse propósito foi o Dr. Zeferino Cândido espalhá-la pelo Brasil, por meio de conferências nas diversas províncias do Império, hoje Estados, sob a esperança de se alcançar a propriedade exclusiva da obra, se possível fôsse. Empresa impossível: também lá havia que contar com interesses locais, criados e medrados à sombra de influências políticas. João de Deus que me encarregara de apurar essa questão, no Rio de Janeiro, com o Dr. Zeferino Cândido, soube mais tarde da minha bôca os pormenores desconsoladores, abortivos da tentativa.

A antiga livraria-editora Bertrand — *os meus amigos e honrados livreiros-editores Bertrand*, assim os caracterizava

sincera e honradamente Alexandre Herculano — tomou a seu cargo a empresa, sob a influência de Mendonça Cortez. Facilitou-se ao autor o capital preciso para a rescisão do contracto com o sócio Terenas; a livraria financeou o método até embolsar, por meio da venda da obra, o capital adiantado.

O autor, quite com a Livraria Bertrand, passou a publicar, de sua conta, o Método na Imprensa Nacional. Vieram-lhe assim dias de mais desafogada situação. Já não era sem tempo.

*

De 1878 até à morte do Poeta com êle convivi. Pude apreciar então bem de perto um dos espíritos mais originais, mais subtis, uma das inteligências mais lúcidas, da nossa pátria, onde os deuses das letras não resistem geralmente a dez anos de veneração.

Tratei com vários políticos e homens de letras mais na voga: daqueles conservo medíocre ou banal impressão; destes, só dois vincaram fortemente na minha mentalidade — João de Deus e Oliveira Martins. Vencou o nosso Poeta pelo seu lirismo muito nosso, herdeiro do lirismo camoneano, além das qualidades de intuição, verdadeiramente raras; venceu o nosso historiador, ou antes o nosso crítico da história portuguesa pelo seu caudal de ideias, por vezes tocadas de rara intuição — pondo de parte o seu autodidactismo de carácter um tanto precipitado.

Na intimidade, João de Deus passava do sublime ao co-mezinho; vibrava tôdas as cordas da sensibilidade humana e facilmente descia de um conceito sublime — quando à vontade entre amigos — à graça garota e à liberdade escatológica. Ao acaso da conversa despretenciosa o seu espírito alava-se às regiões mais complicadas e nebulosas da Ideia, e aí a sua intuição que excedia e muito os limites da perspi-

cácia, realizava prodígios de dialéctica, deixando-nos singularmente confundidos. Nós sabíamos-lo hóspede em literaturas, nacional ou estrangeiras, hóspede em filosofia nossa ou de além-Pirineus, não porque não fôsse capacíssimo de entendê-las, de aprofunda-las, mas porque obedecia ao *categorico imperativo* de um temperamento avêssio à erudição, — inimiga da criação poética. Poesia e erudição são antagónicas; esta, senão mata a poesia, pelo menos definha-a; o saber paralisa a cada momento a actividade, atrofiando a faculdade emotiva. Mas, coisa curiosa! Entrasse-se na discussão de quaisquer postulados mais na voga forrageados em Kant ou em Schopenhauer, João de Deus, enrolando distraidamente o cigarrinho, fixava a sua ideia no postulado, discorria, discorria sem o menor prurido pedantesco, viajava subtilmente à roda do assunto, soltando as asas à sua faculdade devinatória, deixando-nos quasi assombrados. Aonde diacho iria êle colher ideias que tinham todo o geito de cavilações filosóficas? Leria êle filósofos alemães, ou franceses ou ingleses, em segredo? Como assim, se raras vezes saía de casa, se a sua livraria era de uma pobreza franciscana?! Tínhamos então de admitir no poeta um instinto singular de adivinhação, uma riqueza cerebral capaz de realizar maravilhas de dialéctica, uma qualidade, um potencial de espírito que sem esforço e rapidamente alcançaria penetrar aonde só as inteligências privilegiadas logram subir a poder de continuada meditação. Bem certo é que foi a intuição, o génio intuitivo, a riqueza excepcional do intellecto que lançaram os fundamentos dessa filosofia helénica, ainda hoje tão admirada, quando ainda a experiência não proporcionara as melhores bases à especulação sobre a causa das causas.

As leituras do nosso Poeta, bem o sabíamos nós, reduziam-se à Bíblia, onde há de certo muita coisa admirável, muitos problemas abertos à exegese, e, à obra épica e lírica de Camões, aos sermões do P.^o António Vieira e... pouco

mais. À nossa literatura clássica dedicava uma limitada consideração, e não foi sem um tal ou qual espanto que lhe ouvimos uma vez êste juízo sintético:

«No mar imenso dos clássicos portugueses salvam-se apenas dois: um pelo seu grande génio — Camões; outro pelo seu grande talento — Vieira».

Podem salvar-se alguns mais, caso a que não cabe aqui discussão. É certo que, apresentado a Herculano algum aspirante a literato, poeta ou prosador, o nosso historiador, na sua frase chã, quantas vezes rude mas sempre honrada e sincera, tinha a cuidação (surripiei êste vocábulo em Duarte Pacheco, no seu *De Esmeraldo Situ Orbis* muito cabeleira de rabicho e faim, catita, não é verdade? Volto porém ao uso corrente) tinha o cuidado de lhe aconselhar esta terapêutica:

— *Estude bem a nossa língua; tome caldos de Vieira; não se esqueça: tome muitos caldos de Vieira!*

O que não supõe desconselho dos caldos de Bernardes, de Frey Domingos Vieira ou de Frei Tomé de Jesus...

O génio todo espontaneidade de João de Deus levava-o a não simpatizar com a prosa recamada de artificios. Êle queria o estilo simples, desafectado, despido de atavios desnecessários, inúteis; naturalidade, sempre naturalidade. De acôrdo, objectavamos nós, com tanto que se não confunda naturalidade ou espontaneidade com mediocridade, e, muito menos, com vulgaridade. E citei-lhe, por desenfado, certa carta de uma criadita ladina, bem-escrita, pois nem pecava mesmo por entorses na gramática; tivera instrução primária num convento; nem lhe faltava graça no dizer, podendo até passar por modelo de epistolografia correntia, simples. Com tudo, tal missiva não pediria meças à melhor epistolografia, não ousaria confrontos com as dignas cartas — um tantito pedantes — da senhora de Sevigné, ou ainda menos com as pujantes cartas de Cícero, nem comparar-se — diríamos hoje

— com as epístolas tersas da «Correspondência de Carlos Fradique Mendes». Passar porém do bem escrito para o rebuscado, para o pretencioso, para a lantejoilação afectada da prosa, semeando-a de *epítetos raros*, obsoletos, trincolejantes, no propósito de lhe dar novidade, na ânsia de fazer abrir a bôca ao burguês, aos ingênuos, supondo-se estes ao pé da fonte pura e limpa é cair no vício contrário. Tal prosa denuncia affectação, cheira a *postição*. Poucos anos passados, e logo o bom-senso fará a devida justiça à originalidade fictícia do escritor...

Ponto que às vezes caía no campo da discussão:

— Como havemos de estimar a prosa, a boa prosa?

— Querendo simplesmente que ela seja máscula, viril ou delicada consoante a exigência do assunto; copiosa em ideias — o que não sucede à nossa prosa seiscentista, aliás exuberantemente verbalista; flexível; com ritmo, ou musical cadência; e expressiva, cheia de gradações sublimes, sem desrespeito à lógica; rica de conceitos, palhetada, mas longe de preciosismo, envolvendo nas suas malhas bons pensamentos, por maneira que estes pareçam novos; prosa grácil, ondulosa na contestura dos períodos, de feição que nos possa dar uma tal impressão de sonoridade, de harmonia, de invulgaridade até que venha a final a soar como poesia, a parecer-nos *poesia*. A prosa de Renan, por exemplo: é seductora pela sua naturalidade, maleabilidade, fluência e serenidade ática, conservando-se com tudo dentro do seu século. Não se escreveu no século XVIII como se escreveu no século XVII, nem neste como no XVI. Nem Renan nem os escritores do seu tempo foram ao rabisco nas prosas de Rabelais ou de Montaigne para apanhar o termo raro, a lantejoila pitoresca, a chinesice; nem ingressaram na selva brejeira de Brantome para caçar o epíteto, guloso, obsceno, mais ou menos disfarçado; nem recorreram à guarda-roupa das idades pretéritas para envergar casadas de seda, calçar

meias de tecido finíssimo e sapatos de fivela, não esquecendo na algibeira o clássico *cebolão conta-horas*.

É certo: Camilo recorreu a êsse arsenal de que êle conhecia todos os desvãos e escaninhos; mas o tempo fará — se não o tem feito já — ao processo literário a merecida justiça. A prosa de Eça de Queirós é uma *prosa que ficará*, precisamente pela sua sobriedade e pelo seu *actualismo*. A prosa a estadear-se com guisos e atavios multicôres, com roupinhas tomadas de empréstimo ao bricabraque da linguagem caída em desuso, empregada por escritores há muito jacentes nos seus túmulos, terá pitoresco, mas... sôa a sino rachado; é falsa. O processo por fim de contas é fácil: basta fariscar em Camilo, em Bernardes, em Frei Luís de Sousa, nos escritores que nos revelaram a Índia, e nas cartas do próprio Camões onde não falta escatologia bréjeira...

João de Deus, todo espontaneidade e desartifício, imprimia o seu critério de naturalidade à sua pouco abundante prosa; mas, no fundo, era todo emoção limitando-se a ser, e ainda bem! aquilo para que a natureza, a sua sensibilidade o fadaram. Lendo-se tôda a sua obra poética sentimo-nos penetrados de um perfume racial de camoneanismo encantador; mas não deve confundir-se êsse perfume com propósitos de imitação ou parafraseação de conceitos alheios; como se não deve confundir a *toada* própria de uma época, na música, como na poesia, com imitações mais ou menos hábilmente disfarçadas. No famoso soneto: — Foi-se-me pouco a pouco amortecendo... — é transparente a toada melancólica do Poeta que escreveu o perdurável soneto: — Alma minha gentil que te partiste..., mas nenhum dos seus versos imita ou parafraseia ou decalca os dos sonetos camoneanos. A *toada* da música alemã, característica do século XVIII-XIX não deve tomar-se como estando apostados Beethoven, Mozart, Bach, e Haëndel a copiarem-se uns aos outros. De certo que João de Deus era profundo admirador do grande lírico e épico, e

proclamando num dos seus versos: — *Camões é a poesia*, deu a medida da sua admiração. Admirador, mas não *servil*; o seu poder emotivo, o seu caudal de sensibilidade, dispensava-o da imitação, do travestimento banal.

*

E será de mais dizer que essa obediência ao próprio temperamento, à espontaneidade deu êste resultado: é que em vão se procuraria na lírica de João de Deus laivos de choraminguice lamartiniana, a expressão desbordante de um Musset, denunciativa de abusos do alcool e de frenezis de alcôva; uma técnica meticulosa a descambar em pretensões de escola — *Parnasianismo*, *Simbolismo*, acusando perfeição métrica, combinações exóticas de sons, mas com afastamento da naturalidade e prejuízo da emoção? O lirismo de João de Deus tem um cunho muito nosso. A sua técnica é simples, oposta a verbalismos de vacuidade sonora, balda em que os Românticos foram excelentes cultores, desdenhando os valores no sentido da pureza espiritual. Quando o pensamento no poeta se mutila voluntariamente ou se tortura para chegar a um ideal — o da perfeição absoluta da forma — é contar com um artifício que se denuncia por manifesta pobreza de seiva, por uma tal ou qual secura na fonte da melhor poesia — o Sentimento.

O valor, o principal valor da obra poética de João de Deus consiste precisamente na ingenuidade, no desartefício da sua fonte — a emoção. Comparada a sua poesia com a dos trovadores que o precederam em Coimbra, como destaca a sua graça, frescura, riqueza lírica, saídas puramente da alma popular!

*

A emoção em João de Deus não resumava apenas dos

seus versos, muitos dos quais encantadores; era fonte tão viva, tão copiosa que à musica, — e desta possuía pouco mais do que os rudimentos, imprimia uma expressão de extraordinário encanto. Ainda recebi em Coimbra ecos da admiração que aos amigos e companheiros das passeatas nocturnas causava a maneira como o Poeta dedilhava a clássica viola de arame, a esquecida banza em que José Doria legara tradições inolvidáveis. Com a lenda que o acompanhava e com a poesia que a ambiência coimbrã dá, de noite, aos sons da guitarra, encanto que tem o que quer que seja de mágico, imagino bem como seria grande essa emoção! Anos mais tarde, se acaso topava um violoncelo ou um piano e lhe arrancava quaisquer sons por desenfado, tínhamos a ilusão de que tais sons eram diferentes, especiais, não confundíveis com os que, nas mesmas circunstâncias, qualquer curioso ou artista lhes arrancaria. Em Lisboa ouvi-ou uma vez executar no piano, por desenfado, qualquer lição ou exercício do Método Hunten. Pasmei! Como essa frioleira adquiria um valor, um tom expressivo, qualquer coisa de inédito, de diferente sob a sua dedilhação! Aquilo vinha sem dúvida lá muito de dentro, do íntimo da alma, das raízes profundas, misteriosas da sensibilidade; e agora compreendo que o próprio Liszt, o gigante do piano-forte, o *briseur de pianos* como o definia a invejosa e venenosa Clara Schumann, aquele de quem Saint Saëns, ouvindo-o já velho dominar o instrumento com o verdor dos 30 anos exclamava: *c'est a decourager tous les pianistes!* agora compreendo, dizia eu, que o próprio Liszt, quando Chopin dava às suas composições pianísticas essa poesia doce, dolente, nostálgica sonhadora de que raros conseguem dar apenas um arremêdo, lhe seguisse, debruçando-se sobre o teclado o dedilhar com louvável inveja. O melhor piano, porém, tinha-o Chopin, o romântico pianista e compositor lá dentro, muito dentro, muito no íntimo, nas fibras da sua alma, nos recessos da

sua sensibilidade acutíssima, agravada e cruciada pela tuberculose e pelos caprichos, ora cruéis ora quizilantes, da George Sand, essa escritora verbalista, pletórica, hoje em fama decadente, a eterna sensual, pertinazmente de candeia às avessas com a virtude...

*

Muito triste, a *popularidade*, no conceito de João de Deus. Triste e secante, desvirtuadora dêsse pudor que os homens de elevado merecimento desejariam conservar intacto, isento de profanações. Com tudo foi essa popularidade, acompanhada da Lenda formada em volta do seu nome, desde criança, e em volta da sua obra, de qualidade superior à quantidade, que explicam a apóteose que o Poeta gozou serenamente, com os pés quási a levá-lo à sepultura, no seu 65.º aniversário. Porque essa homenagem a João de Deus teve o carácter de uma consagração retumbante, de verdadeira apoteose. Do livro que o Dr. Teófilo Braga coleccionou sob o critério do «encadeamento psicológico representando fases da alma, nas fases ascencionais do sentimento», livro publicado sob o titulo *O Festival de João de Deus* soltam-se os ecos múltiplos da explosão sem par da alma portuguesa e, particularmente da mocidade académica. Milhares de estudantes da capital e das províncias; membros do Professorado em todos os seus graus; representantes de classes populares, comerciais e industriais; individualidades da política, das letras, das artes — tudo acorreu à morada do Poeta, em romaria de espontânea homenagem para o saudar *no seu centenário*, como êle baptisou pitoresca e áticamente irónica, a estrondosa e jámais igualada manifestação. De todos os centros de Lisboa, de todos os cantos do País surgiam artigos de consagração, eminentemente laudatórios, já nas revistas literárias ou científicas já nos jornais de tôdas as parcialidades políticas, com uma unanimidade de apreciação

e sentimentos, com uma espontaneidade nos louvores que a todos impressionavam.

Foi o dia 8 de Março de 1895 o grande momento da consagração do Poeta. Sabido é que o Chefe do Estado foi pessoalmente a casa de João de Deus para o saudar e condecorar com as insígnias da Ordem de S. Tiago, galar-doantes do mérito científico e literário. Fôra o Rei D. Luís muito cioso em conferir êsse galardão, não abdicando da sua iniciativa para premiar o merecimento de quem se distinguia na espécie literária, artística ou científica. Não pululam em Portugal os génios, nem todos os dias cai o aniversário de homens considerados estrelas de 1.^a grandeza no céu da Intellectualidade; mas Alexandre Herculano, para não falar de outros — não muitos — vultos notáveis das nossas letras, foi visitado particularmente, é certo, mas na maior intimidade por D. Pedro V, como recebeu constrangido, em Vale de Lobos a visita do Imperador do Brasil. Visitas particulares: visitas não caracterizadas por estrondo oficial. O caso omisso tem uma desconsoladora explicação na inadvertência dos governantes absorvidos pelas misérias da Política — no sentido pejorativo do termo — agravada pela ausência de cultura em muitos dos seus coribantes. *Quem não sabe a arte não a estima* — uma das verdades que o nosso Épico espalhou pelo seu poema. Para o político profissional, só a Política é que contava; as letras, as artes eram coisas frívolas, de somenos importância; e ainda hoje sinto o espanto que me causou a declaração espontânea de um político, director de um dos jornais mais considerados de Lisboa, confessando-me por entre o ruído da apoteose a João de Deus, não ter feito ideia de que êste poeta compuzesse *tão bons versinhos*. (Bons versinhos ainda era favor. E êsse político era formado por uma das faculdades mais sérias da Universidade de Coimbra!)

O tema da visita do Rei D. Carlos ao Poeta deu lugar

às variações mais singulares que é possível imaginar no campo da informação periodística. Seria até motivo para um livrinho de carácter anedótico e divertido, por tal maneira se mostrou fértil a imaginação besbilhoteira, desentranhando-se em pormenores, uns de pura fantasia, outros em que o bom-senso e a verdade sofriam tratos de polé.

Volvidos 34 anos, posso hoje, consultando as *Minhas Memórias*, aproximar-me o mais possível dos limites da fidedignidade.

As minhas relações pessoais com o conselheiro Carlos Lôbo d'Ávila, jornalista tão distinto como orador parlamentar de verdadeiro recorte à moderna — fortificadas no nosso convívio com Oliveira Martins, — permitiram-me aborda-lo e sondá-lo sobre o tema de uma homenagem *oficial* a João de Deus, coisa de que se falava em termos um tanto vagos. Amigo pessoal do Monarca, Lobo d'Ávila, espírito perspicaz, finíssimo, compreendia bem o que uma homenagem desse jaez podia trazer de acréscimo à popularidade do Rei.

No decurso da nossa conversação, Carlos Lôbo d'Ávila, desprotocolarmente perguntou-me:

— Que lhe parece que se deva dar a João de Deus?

— Visto que mo pergunta, despreocupado de formalismos oficiais, conceda-me a franqueza da minha resposta. Se a Eduardo Coelho, pelo facto de ter fundado um jornal popular; se ao Conde de Valenças, figura não primacial nas Letras, se concedeu a comenda de S. Tiago, parece-me que a João de Deus, ou se lhe dá o grau mais alto daquela ordem, ou não se lhe dá coisa nenhuma. Como o Conselheiro João Franco é o ministro do reino, correndo tais negócios pela sua pasta, V. Ex.^a como homem de Letras, ouvirá daquele seu colega (Lobo d'Ávila era ministro das obras públicas no ministério de 1893-1897, presidido por Hintze Ribeiro) a sua maneira de encarar o assunto.

Na véspera da homenagem, o conselheiro João Franco

telefonava-me para o *Jornal do Comércio*, de que eu era redactor:

— Dou-lhe uma novidade: El-Rei não só concede a João de Deus a gran-cruz de S. Tiago, mas vai amanhã entregar-lha pessoalmente a sua casa. V. pode chegar aqui?

— Com todo o prazer.

Surpreendido — e havia de quê — corri logo ao chamado. Na sala onde me recebeu e com a mais captivante familiaridade, a par de uma simplicidade de maneiras que seduzia até mesmo os que lhe temiam a *maneira-forte* da sua politica, disse-me com tal satisfação traduzida no rôsto que parecia ter-lhe caído do Céu a maior das bondades divinas:

— O seu amigo vai ter uma grande alegria. El-Rei não só lhe concede a gran-cruz de S. Tiago, mas vai amanhã, pelas 11 horas, visitar o Poeta e entregar-lhe as insígnias da mercê.

E dizendo isto mostrou-me a carta em que o Chefe do Estado lhe participava a sua resolução.

Como patricio e amigo de João de Deus rejubilei, agradecendo ao ministro tão valiosa interferência; no decorrer da conversação lembrei que era de tôda a prudência ir prevenir o Poeta.

Logo o conselheiro João Franco atalhando:

— Pois por isso mesmo é que lhe pedi vir aqui a minha casa; a saúde abalada do Poeta, como V. me tem dito, requere todo o tacto para se evitar colhê-lo de surpresa, o que lhe poderia prejudicar ainda mais o seu estado.

Ainda me referi a dois pontos que mereciam ponderação. A comoção que João de Deus experimentaria com a homenagem do dia seguinte, talvez lhe não permitisse tão cedo a visita de agradecimento, ao Paço, consoante a praxe. E seria indispensável essa formalidade?

— Isso é! V. comprehende que um João Fernandes, a

quem se concede qualquer mercê passe despercebido; ninguém pensa nisso. Com João de Deus, o caso é muito diferente. Respeito à visita de agradecimento: quando João de Deus lhe disser que o estado de saúde lhe permite ir ao Paço, Você previne-me e eu irei a casa dele e o levarei na minha carruagem ao Palácio das Necessidades.

— Agora, disse eu ao ministro, em maré de conversa amistosa, temos um caso complicado... o pagamento dos direitos de mercê, uns oitocentos mil reis... se não mais!

— Isso cá se arranja, respondeu logo o ministro; não haja cuidados a tal respeito.

(Não desconvirá dizer que eu tinha sondado João de Deus, a respeito do seu *estado de espírito*, para a hipótese de receber um galardão régio e acquiescência à visita de agradecimento consoante a praxe. O Poeta não mostrou repugnância, num como noutro caso. Só assim é que me decidi aos preâmbulos com os dois ministros).

*

No paroxismo do contentamento voei a casa de João de Deus, comunicando-lhe, com as devidas cautelas, a surpresa que no dia imediato desabaria sobre a sua cabeça. A notícia não lhe foi coisa indiferente: mas a sua serenidade, sem laivos de artifício, traduzia, como depois declarou, a aceitação pura, simples de uma homenagem prestada às Letras mais ainda que à sua própria pessoa. Um escritor, F. d'Ayala, num artigo que figura com muitos outros no «Festival», traduz bem o estado de ânimo de João de Deus nestas palavras bem frisantes:

«... De certo que o rumorejar das festas, a hora da justiça que se aproximava, a comoção da esposa e filhos... tudo era de molde a abalar a alma enternecedora do poeta. E quando às 10 horas da noite chegava o Sr. Silva Bastos a

comunicar-lhe da parte do ministro do reino que El-Rei iria agraciá-lo pessoalmente com a gran-cruz do mérito literário, João de Deus puxou-me pelo braço até à sala: Ouça — que diz você a isto? — perguntou-me o poeta com uma placidez que me assustou. Seria indiferença? Não apreciaria o velho cantor das *Flores do Campo* tão significativa honra? Sentiu e apreciou; e a sua placidez dava a medida da sua funda comoção.

No dia 8 de Março, pelas 11 horas, a anunciada visita do Rei. Que série de dislates o furor reporterino amontoou à roda de uma visita que tinha tanto de simples, como de afectuosa! Escreveu-se (escreveram-se tantas coisas absurdas, tantos despautérios!...) que o Poeta chorara, o que naturalmente se explicaria pelo seu estado de saúde e pelo carácter raro da visita, da honra recebida. Simplesmente: o Poeta não chorou, nem tão pouco se desculpou ante o monarca por não poder apresentar sua mulher, ainda em preparativos de indumentas. O cúmulo do absurdo pois que tãda a família fôra prevenida por mim da hora da visita régia! O Rei que vira na saleta, a meu lado, o Visconde de Ouguela, condiscípulo do Poeta na Universidade, abraçou João de Deus dizendo com a mais natural cortezia:

— Sinto não ser o primeiro a felicitá-lo, o que faço com muito prazer. Resolvi agraciá-lo com a Gran-Cruz de S. Tiago, dispensando-o do pagamento dos direitos de mercê.

Tudo o mais que se escreveu — pura fantasia!

Pois se até uma modesta coroa de loiros oferecida pelo nosso comum amigo dr. Santos Valente ao Poeta, com uma dedicatória, em latim, em que figurava a palavra *laurea* serviu a um informador de altos dotes de imaginação para inventar uma senhora D. Laura ofertando à moda clássica, uma restea de loiros a João de Deus!...

Laurea donandus Apollinari.

(Tradução um pouco livre: *Presenteado com os loiros de Apolo*).

O informador farejou mulher na dança chamando-lhe sencerimoniosamente:

D. Laura Donodo Apolinario!

O que sem dúvida teria feito rir os próprios deuses lá no Olimpo...

Pouco depois da visita régia começavam as manifestações congratulatórias sob uma chuva descaroável e nada pertinente. Velhos e moços, verdadeiramente numa sôpa gritavam o seu entusiasmo, saúdavam o Poeta com a mais enternecedora paixão da sua alma. A família de João de Deus para o poupar a esforços que lhe poderiam prejudicar a saúde, recebia por vezes as homenagens e os visitantes; mas a saúde é que se afastava cada vez mais do cantor das *Flores do Campo*. Dias passados ainda pôde ir ao Paço acompanhado do conselheiro João Franco, cumprindo êste político, nisto como no mais, as suas promessas; com o mais fraternal carinho reconduziu o Poeta na carruagem, à sua morada, após um longo passeio. Foi o último; a doença prosseguia o seu curso fatal. Ainda não decorrera um ano após a consagração: João de Deus entrava na Imortalidade!

Ao Poeta haviam chegado, por vezes, zunzuns amargamente descabidos, originados no facto de haver aceiteado do Rei, dos poderes do Estado uma distinção com carácter oficial. (Há sempre uns amigos dos diabos que capricham em levar tais ecos aos enfermos e aos susceptíveis). É que para algumas almas exigentes, João de Deus era tido e havido como republicano de firme rocha. Nunca nas nossas conversas apurei qual o credo político do Poeta — se é que o tinha. Monárquico? Republicano? Cesarista? Que fosse do coração democrata, é provável. Magoado pelas insinuações trazidas por *agulhas ferrugentas*, desabafava com alguns amigos:

— Que diacho! Há tanta ocasião de fazer política, que bem podiam evitar de a fazer comigo. A verdade é que eu

estou reconhecido ao Chefe do Estado, sôbre tudo pela maneira despretenciosa com que se apresentou aqui. Não tinha o ar de quem vinha trazer-me uma honra. Entrou em minha casa como um amigo, como um velho conhecido que não está à espera que lhe agradeçam um favor. . Ora eu compreendo que dos factos se tirem tôdas as conseqüências para um fim político: mas que se desvirtuem, se neguem ou se alterem, como por aí se faz, isso é que realmente não parece sério. Emfim, talvez seja o contrário. Como eu vivo fora do mundo...

No seu íntimo, João de Deus, como já o insinuei, endossava — permita-se o termo — a homenagem recebida no seu aniversário às Letras Portuguesas. Que êsse sentimento era sincero, dava testemunho a placidez que não o abandonou no meio das ruïdosas manifestações, mórmente da mocidade académica exaltando o nome e a obra do Poeta. A serenidade do seu espírito ia em paralelo com o bom humor e graça de cavaqueador incomparável. Brotaram dos seus lábios duas quadras chistosas, uma das quais popularizada na coletânea *Festival* organizada por Teófilo Braga:

Que vindes cá fazer, ó Mocidade?
Despedir-vos de mim? Quanto vos devo!
Também levo de vós muita saüdade
E em lá chegando à outra vida, escrevo.

A outra quadra que lhe ouvimos no próprio dia da consagração, e menos conhecida, se não inédita, é esta:

Será uma grande festa,
E uma festa singular:
Mas se eu escapo desta
Tenho muito que contar!

Era ainda a graça coimbrã a não querer desistir das suas tradições.

*

Cabe agora patentear, como triste documento para a História, o inesperado reverso da medalha.

Mal extintos os ecos da estrondosa homenagem prestada com a colaboração dos altos poderes do Estado, sobressaindo a declaração de ser nacional o *Método de Leitura* do Poeta, nomeado êste seu comissário para a propaganda da Cartilha, o mesmo *Diário do Govêrno* que publicava essas homenagens, honrando o Poeta e o Educador, vinha como que a desmentir-se a si próprio declarando como compêndio oficial de leitura nas escolas primárias os métodos flagelantes, cujos autores haviam deblaterado contra a *Cartilha Maternal*.

O golpe fôra brutalmente rude para o Poeta, a contas com a doença. Não atirou protestos ruídosos para a praça pública, nem consentiu que a brutalidade fôsse aproveitada e explorada como arma de arremêso contra os governantes — tal protesto não se acomodava ao seu feitio bondoso. Desabafou, mas *intelectualmente*, com os seus amigos limitando-se apenas a esta amarga ironia:

— Isto é um país perdido, e não descançarei enquanto me não naturalizar cidadão de Marrocos!

Daí a pouco, a enfermidade immobilizava para sempre o Poeta. Por fortuna deixava de ouvir ecos, pôsto que soltos — raro lia jornais — das misérias e cabalas dos políticos, misérias, afinal, dos homens e dos govêrnos.

O seu médico assistente, Dr. Carlos Tavares, ao confirmar a esperada e definitiva ocultação do astro poético, glória da nossa Terra, proferiu estas simples e tocantes palavras:

— O cantor das *Flores do Campo* morreu, como devia morrer: — *pelo coração!*



E se agora desensombrássemos o triste quadro do passamento do Poeta, entrando para o ciclo alegre da anedótica? Anedótica de João de Deus?! Mas João de Deus era a anedota em pessoa; fazia-a espontâneamente, sem mesmo dar por tal: uma frase, um conceito, uma ligeira apreciação de factos ou de personagens, convertiam-se, na sua conversação em anedotas, e com tal despretenção que bem nos deixava ver a fecundidade da sua intuição e da sua fantasia. Raros existem hoje que as ouvissem. Se pudessem ressurgir dos seus túmulos os antigos companheiros de casa e condiscipulos, e amigos e admiradores e simples curiosos que gozaram o prazer da sua conversação?! Ainda me é possível reproduzir o que em tal capítulo se incrustou na minha retentiva, e o que me veio pela tradição e por informes de amigos — não podendo naturalmente garantir a fidedignidade de tudo o que narro. A tradição não blasona sempre de infalibilidade...

Primeira anedota que lhe ouvi e a ela fiz referência a quando da visita ao *meu deputado*. Tema: o caso único da sua eleição liquidada em três dias, escolhendo as urnas, como representante em côrtes, o nosso Poeta.

— Admiro-me muito — observação de João de Deus, ouvindo os meus cumprimentos — que Deus tivesse feito o mundo em seis dias; mas ainda mais me admirou que os nossos patrícios me tivesse feito deputado em três!

Fixada a minha residência em Lisboa, ia eu à noite, como outros amigos, a uma Tabacaria da Rua da Betesga para gozar o encanto da conversação do Poeta, certo ali quando a pobre iluminação a gás triunfava das trevas. Morava então o Poeta na Rua dos Correeiros. Surge Raimundo Capela, seu ex-condiscipulo na Universidade, e anos depois cônsul

no Maranhão. Achevou-se ao João de Deus, dizendo-lhe à queima-roupa:

— Ó João, dá-me cá um conselho!

João de Deus pregou em nós os seus olhos, todos sonho, e onde assomava tantas vezes a chispa da mais santa e resignada ironia, dizendo-nos simplesmente:

— A única coisa que eu lhe posso dar!

(Foi essa a quadra despedaçadoramente minguada do Poeta).

Certa noite de Dezembro, após boa cavaqueira no café «Martinho» com alguns amigos, resolve-se êle a recolher a penates. Chega à porta: era medonho o cariz da rua; chuva meüdinha de repassar carne e ossos; um frio de quebrar os queixos ao mais alentado bruta-montes!

João de Deus, resolutamente:

— Não há remédio senão vestir o sobretudo!

Dizendo isto a um amigo que se dispunha a sair também, teve êste a curiosidade de saber donde é que o Poeta sacaria tal peça de alta alfaiataria. O caso estranho limitou-se apenas a uma simples precaução: solevar a gola da rabona repuxando-a para ganhar um hipotético agasalho do pescoço. E assim atravessaram ambos o deserto do Rossio...

Uma noite, o poeta passeava por essa praça com Macedo Papança (Conde de Monsarás). Subiram, subiram às mais luminosas regiões da Santa Poesia, esquecidos das torpezas cá da Terra. Nisto acerca-se de João de Deus um pobre homem, rosto escorrido de miséria, macilento, figura esgrouviada, andaina de fato coçado por exercício insistente de uns tantos lustros.

— Dá-me uma palavra, senhor doutor?

João de Deus desce à Terra e ouve o homem de confissão. Um caso de negra miséria — mulher e quatro filhos doentes, sem côdea de pão para iludir a fome.

João de Deus serenamente interroga o poeta alentejano:

— Ó Monsarás: você tem aí 2.000 réis?

— Tenho! E o Monsarás sacou sem a menor hesitação quatro meias corôas, fagueiras, alvinitentes, como se tivessem saído momentos antes da fábrica da moeda... da *Lua*. Entrega-as a João de Deus que rapidamente as passou ao impetrante. Simples transmissão de valores — das sobras do rico para a angustiosa miséria do pobre. João de Deus cingia-se apenas a ser o órgão transmissor da esmola.

E os dois poetas subiram novamente ao Parnaso, divagando pelas suaves regiões do lirismo...

Tivesse João de Deus nesse momento dez, vinte, cem meias-corôas, dá-las-ia ao pobre ou pobres. Quantas vezes o procuravam alguns patrícios, minguados de recursos, solicitando-lhe um socorro. O Poeta olhava para a sua modesta secretária e se enxergava ali alguns vintens, dizia invariavelmente ao desabonado algarvio:

— Leve! Leve isso tudo! Mais não tenho!

Subíamos uma vez o Chiado, dias depois de o Poeta haver fixado residência em Lisboa. Avistei acaso certo alferes que se divertia com as Musas, iniciando a sua carreira literária, mercê de versos louvaminheiros às damas de alta linhagem. Ganhava-lhes simpatias e jantares finos, e do mesmo passo os favores e consideração dos maridos, na voga política.

Ingenuamente comentei o caso, dizendo ao meu companheiro de passeio que o garboso verzejador seguia as tradições do século XVIII, quando os poetas famintos e servis, a troco de insípidos sonetos alcançavam a honra de comer os restos das virtualhas do poderoso a quem sabujamente elevavam aos astros.

João de Deus estacou, dizendo-me com uma pontinha de melancolia:

— Meu caro patrício: aqueles é que são os espertos; nós não passamos de uns tolos chapados!

Tinha razão! Pela vida fora fui topando a cada passo com os *espertos*, os *arranjistas*, no exercício das suas variadas indústrias e habilidades; compreendi então o que havia de verídico no amargo conceito de João de Deus.

Certa vez, o Poeta, hóspede do seu amigo Domingos Vieira, em Portimão, conversava no escritório d'êste com alguns amigos. Surge à porta, desconfiado, a medo, um pedinte. João de Deus vira a um canto alcôfas com dinheiro em cobre para pagamento de jornas a trabalhadores; e com o mais natural condoimento diz ao pobre:

— Olhe! tire dali o dinheiro de que precisar!

Sabido é que os pobres desconfiam sempre da esmola farta. O pedinte não se movia, e só a poder de meigas instâncias vai, todo humildade e receio, a uma das alcôfas e saca um mísero e sujo pataco.

— Isso não lhe serve nem para comprar um pão! Tire mais!

E assim animava João de Deus o bom do homem. O pobre, notando a sinceridade do *rico senhor*, tira ainda, tomado de acanhamento, outro pataco; mas as instâncias para novo arrojo foram de tal feição convidativas que o pobre encheu uma das algibeiras com os pesados e estúpidos bronzes.

Sabedor do caso, Domingos Vieira que derretia o dinheiro nas suas mãos com a mais fidalga prodigalidade, observou com a sua proverbial franqueza:

— O pobre foi parvo; podia ter levado uma alcôfa. Não me fazia falta!

Esquecia-se de que não há bem que sempre dure. Os bons cabedais que possuía sumiram-se-lhe pelos dedos em menos de cinco anos, e um dia a miséria bateu-lhe carrancuda, inexorável à porta!...

Dizia-se em Portimão: Quando o Poeta, eleito deputado, embarcou num modesto bote para ir tomar à barra o quási

liliputiano vapor da carreira de Lisboa soube, em conversa com os remadores, da sua pobreza. João de Deus foi tirando da sua pouco ou nada impante mala, e franciscanamente distribuiu, a um uma camisa, a outro umas ceroulas, chegando a Lisboa apenas com o fato que lhe cobria o corpo. Pode ser lenda, mas ele era capacíssimo de o fazer.

Sepultado em casa meses consecutivos, o que lhe prejudicava a saúde e sempre a contas com a asma, só as instâncias de amigos o demoviam da sua teimosa clausura, arrancando-o para o levar a passeio. Consegui um dia êsse arranco. Do arco do Evaristo — onde então morava — até o jardim de S. Pedro de Alcantara, o passeio duraria, quando muito um quarto de hora, dado mesmo que caminhássemos no passo de anjinhos anémicos em procissão. Mal havíamos desembocado do Arco surge-nos pela prôa o *primeiro amigo*:

— Ditosos olhos que o vêem, sr. João de Deus! Há quanto tempo que não tinha a dita de o avistar!

João de Deus, sempre mavioso e delicado lá lhe disse qualquer banalidade sem laivos de altivez.

Dois passos andados — segundo amigo:

— Ora viva o Sr. Dr. João de Deus! Quanto folgo de o ver. É milagre!

Novo rosário de perguntas, nova e abafante estopada. Perguntas e reflexões asnáticas a que só resiste a paciência de um Santo. João de Deus aturava êsses pegamassos, êsses *cacetes* (assim chamam no Brasil a tal espécie de enfada-dores) com a mais evangélica resignação.

Creio que gastamos quási duas horas nesse trânsito supplicador. Aturado o último amigo, João de Deus não se poudo ter que me não dissesse com um tal ou qual sorriso de mártir:

— Vê você? Não há nada mais triste que a popularidade!

(As vezes variava o conceito sob esta forma :

O que se ganha em popularidade perde-se em liberdade).

Certo dia, num pequeno círculo de amigos, discutia-se a aura que favorecia, em maré crescente, um periódico de Lisboa, famoso pelas suas *calinadas*; cada dia, cada tolice, glosada hilariantemente nos Cafés e noutros centros de má-língua. Era uma vez o barril do galego, definido e promovido a *símbolo augusto do trabalho*; era outra vez a descrição de uma magnífica toirada de fidalgos em Cascais, levada às culminâncias de uma *toirada em família*; ou as melhoras de S. M. a Rainha, muito prometedoras do anelado restabelecimento, pois que a augusta senhora já conseguira felizmente *comer um pequeno assado*, etc.

Os brejeiros da má-língua compravam o jornal só para lhe caçar a tolice hilariante, quotidiana. O café Martinho era o afamado centro da troça literária...

— Sim, todos riem, todos galhofeiam — observava um dos amigos em casa do Poeta — mas o tal jornal aumenta a sua tiragem, que é um louvar a Deus. Porquê?

Resposta pronta e seráfica de João de Deus:

— Simplesmente porque é tolo! Como os tolos são muitos, compreendem-no e compram-no!

E, na mesma maré de ironia desenfadosa, convidava-nos a uma experiência decisiva:

— Tomem uma manchinha de feijões e espalhem-nos ao acaso por uma das páginas dêsse jornal.. Onde caiu um feijão lá estará debaixo uma tolice...!

Ainda sob êste tema, João de Deus contava-nos um dia que um bom Inglês propuzera à empresa do chacoteado jornal um grande negócio, um negócio da China, nada menos que a aquisição firme de 5.000 exemplares diários, (o que a 10 reis representava 50.000 reis, quantia estimável nesse tempo). Mas o bom do Inglês punha apenas uma ligeiríssima condição: *os 5.000 exemplares não teriam letras!*

O exigente súbdito de Sua Graciosa Majestade não queria o papel sujeito à conspurcação dos caracteres, à babujem das tintas nem à mordência das fôrmas: os 5.000 exemplares, virgens de quaisquer manchas, deveriam sair dos prelos lindinhos, alvos, alvos, como as melhores toalhas e os melhores guardanapos de Guimarães.

Para que fim destinaria o Inglês os exemplares em branco da popular gazeta?

Nunca se apurou o mistério...

Havia um jornal republicano que para arreliar o troçado periódico publicava todos os anos, em dia fixo, certo soneto satírico do Poeta e que começa por esta graciosa quadra, como são jocosos os restantes versos:

Amo certa mulher que nunca avisto,
Se não de quando em quando à janela,
Sendo minha tenção casar com ela,
Tenção que fiz e de que não desisto!

.....

João de Deus esteve hospedado alguns dias num Hotel da Rua da Prata. Havia, entre os comensais, certo banaboia que se intrometia nas conversas, para fingir de esperto, dando porém a cada passo a nota de uma supina ignorância, complicada com a da estupidez atrevida. O banaboia, sempre a contas com o Poeta, propunha-lhe casos de difícil solução, problemas complicados, tolos, está claro, a que João de Deus, *chuchando* com o homenzinho, dava respostas que deixavam o palerma transido de espanto. Tudo era então admirar até à idolatria o *senhor doutor*, um sábio a valer. Para João de Deus e seus comensais a coisa tornava-se sumamente divertida!

Até que o pateta acorda um dia com uma adivinha de estucha: certamente faria embatucar o doutor. E ao

almoço, tomando novamente o *sábio* à sua conta, sai-se com esta:

— Sempre quero ver se o sr. doutor me responde a uma que talvez os lentes da Universidade não serão capazes de adivinhar.

— Diga a adivinha...

Qual é a razão por que sendo a água do mar salgada, os peixes são doces?

João de Deus, como se tivesse previsto o disparate:

— Você admira-se? *Em casa de ferreiro, espêto de pau!*

O banaboia por pouco não ajoelhou aos pés do Poeta. Desde então proclamava a todos os ventos que só havia um grande *sábio* em Portugal — o Sr. Dr. João de Deus.

João de Deus visitou um dia uma modesta exposição de quadros na sala da redacção do *Comércio de Portugal*, jornal progressista de que era redactor principal João Crisóstomo Milício. Haviam sido contemporâneos em Coimbra.

Num dos quadros expostos, via-se uma vaca, de olhares meigos — é o que temos de inferir do conceito das duas quadras que João de Deus improvisou na exposição, quadras que presumo serem inéditas:

Por esta vaquinha só
D'olhos de tanta ternura
Dava os rebanhos de Job,
Nos seus tempos de ventura

E p'lo resto do salão
Dava todo o edificio:
Mas com uma condição:
A de ficar o Melicio!

Se êste teve conhecimento das graciosas quadras, foi o primeiro a rir-se da brincadeira do seu antigo contemporâneo.

O rosário das anedotas não teriam fim. Infelizmente, muitos dos que as ouviram, já não contam entre os vivos...

Como nota final direi que João de Deus não comia ave de capoeira, com menos de doze ou quinze dias de sustento caseiro. Galinha, vinda lá do monte e que se cevava com bichos suspeitos e cibos de esterqueiras, estava inexoravelmente banida da sua alimentação...

*

Não pretendi fazer, neste esboço a crítica da obra de João de Deus: está feita e pouco há a acrescentar ao seu estudo. Preocupe-me, sim, com a psicologia da personagem, sem dúvida das de maior relêvo no nosso mundo literário; para isso tinha as minhas impressões pessoais, desde os verdes passos da meninice até a um convívio de quási trinta anos com o Poeta. Não merece êste que jãmais o esqueçam — sofre a Crítica tantas e tão opostas modalidades, de dois em dois lustros, sumindo-se tantos nomes no olvido, ontem num grande fulgor de glória! — tendo-se em conta o caudal emotivo — o Sentimento — toda sinceridade que o torna um autêntico seguidor da Lírica de Camões. Firmo-me na esperança de que a Lenda obstará, por seu turno, à ocultação do astro. E depois, a Bondade, a Alma tão grande que resistiu a tantos desfavores da Fortuna, a sua meiguice quási seráfica imprimiam-lhe um cunho moral, uma fisionomia característica: era um verdadeiro santo, na Santa Poesia. Nem sei avaliar, em tôda a amplitude, o que fiquei devendo à irradiação dêsse carácter sem mácula! Quanto mais as misérias da Após-Guerra, na sua inversão dos valores morais, pretendam lançar-nos no Pessimismo, no Sumo Desgosto, mais as figuras de escol, da têmpera de João de Deus, crescem para nós, parecendo que, na simpleza do seu exemplo, nos dão um grande e forte exemplo, como que significando o resgate parcial de tais misérias.

Esta homenagem, após cem anos do nascimento do Poeta

não deve traduzir apenas o preito ao Lírico; e sim também a homenagem ao Carácter, ao Coração do homem que deu à poesia portuguesa êsse livro, onde abundam versos, muitos de positivo encanto, e que é o: *Campo de Flores*.

•

Avizinhando-se o Centenário de João de Deus fui a S. Bartolomeu de Messines para reviver o passado e estudar a *questão do busto*, pois que, durante algum tempo, o busto deu lugar a luta de competências...

Com que alvoroço dos sentidos tornei a avistar a aldeia que não palmilhava havia bons quarenta anos! Com que prazer calcuriei as ruas mais afastadas ou esquecidas, como a natureza as formou, e a que um salta-pocinhas ou almiscarado pintalegrete de Lisboa se não aventuraria por amor às suas costelas! A cada passada cautelosa levantavam-se-me recordações com tal frescor e colorido que me supunha desandado à meninice, aos folguedos de criança. Messines assenta, em parte, num extenso jazigo de *ruiva* ou grés calcáreo vermelho-escuro, vulgarmente conhecido por pedra-de-amolar; a sua dureza e resistência pouco ficam a dever ao granito. Corre êsse jazigo boa parte da província algarvia.

Muitas das suas portas tinham os dintéis e vêrgas formados pela *ruiva*, e isso se vê ainda nalgumas casas, o que lhes imprime certo carácter, análogo ao de muitos prédios do Pôrto. A igreja da aldeia foi construída com êsse material, bem como a ex-Sé de Silves: a ábside neste monumento mostra-nos que a despeito do vandalismo com que Priores de estésia bronca o trataram, oito séculos passaram ali sem deixar moessa. Na parte alta da aldeia há, sabe Deus desde que tempos, a dispensa de pavimentação com calçada e as ruas são o que o grés-calcáreo lhes permite: grandes lajes de caprichosos desniveis, escorregadias, mórmente quando a

chuva as limpa de poeiras. Em certa rua depara-se-nos um grande bloco ruivo, com buracos para, à guisa de escada, facilitar o acesso a um casinhoto, encarrapitado lá no alto. À esquerda, uma casa minúscula, de pobre aspecto, mas *rica*, porque sôbre ela impera a poesia da *tradição*: ali, sob o testemunho dos antigos e da voz pública, nasceu, em 8 de Março de 1830, João de Deus! É preciso ser um Beócio ou possuir uma alma de pederneira para não olhar com sagrado respeito êsse bêrço, humilde morada, feita presumivelmente de taipa, e tão baixa que lhe pude quâsi tocar o beiral com a mão! Pudesse eu adquiri-la e logo a mandaria cercar por uma grade de ferro, resguardando um jardinzinho e pôr-lhe-ia na fachada esta simples memória lapidar:

Aqui nasceu o Poeta Lírico João de Deus em 8-3-1930

Mais abaixo, em face de uma das paredes laterais da Igreja a casa onde viveu o Poeta; daí saiu um dia a caminho da capital, para não mais voltar.

Está também essa lendária habitação — pelo menos no exterior — como a conheci há largos anos; a mesma sacada onde João de Deus passava horas em doce scismar, e onde algumas vezes o admirei, enlevado, com o respeito que instintivamente sentimos pelo génio, pelos homens superiores.

Deambulando pelas melhores vias e largos da aldéia, em cata de um modesto local onde bem assentasse um plinto com seu busto, desiludi-me! Com mágoa o digo: nenhum sítio se presta, por enquanto, à fixação da *trivial* memória — perdoe-se-nos a audácia — quer se trate de busto, quer de estátua. E assim se explicam a insistência, os esforços reiterados da capital da província para alcançar a posse do monumento. Uma lacónica resolução, emanada da Ditadura, deu satisfação aos desejos e votos de Faro. Talvez se lo-

grasse melhor justificação com a escolha de Lisboa, capital protocolar do País, a representante oficial do talento e do génio português, para perpetuar, no bronze ou na pedra, a memória do nosso Lírico; mas, em face do querer do governo, em instância definitiva, tôda a discussão seria tão inútil, como a de contar pacientemente os grãos de areia do Sahará...

*

Não obsta o facto a que me dirija de longe a alguns meus amigos de Messines dizendo-lhes, com a mais desartificiosa sinceridade, estas palavras que parecerão talvez heresia a ouvidos meticulosos:

— *Estátuas, bustos, medalhões — retórica vã!* Retórica feita em bronze, mármore ou gesso, manifestação é que passa despercebida à maioria dos olhares, precisamente pela sua inexpressão.

Pregunte-se a cem pessoas que acaso no Pôrto se defrontem com a estátua do Infante D. Henrique, mirando-a dos pés à cabeça, que espécie de ideia ficaram fazendo do homem que, mercê da sua *mania do mar*, abriu as portas à civilização moderna?

Pregunte-se a outras tantas, defronte de certo homem de bronze, no Largo de Belém, com arrogância calculada para pôr um grande medo no Xá da Pérsia, que ideia ficaram fazendo dos planos geniais do heroico Governador que tornou grande o nome português em Gôa, Ormuz, Malaca, no Oriente inteiro? As gentes estacam ante um monumento: olham-no hoje com alguma curiosidade, mas passam; ao segundo dia o olharão com indiferença, ao terceiro nem para lá deitarão os olhos.

Bem sabemos: as estátuas representam, geralmente, a dívida de gratidão paga pelo Estado ou por um grupo de patriotas aos seus homens mais representativos, — escasso

preito diga-se à puridade, desde que Portugal ainda não erijiu monumentos, em Lisboa, ao «Alto Infante», a Vasco da Gama, a Pedro Álvares Cabral, a Duarte Pacheco, a Fernão de Magalhães, *Português no feito*, embora ao serviço da Espanha. Tais rememorações, digâmo-lo sem reбуço, pouco, pouquíssimo, acrescentam à glória dos homens e quasi nada aproveitam ao povo.

E então? Então, caros Messinenses, tendes maneira simples e do mesmo passo eloquente — eloquência: não retórica! — de prestar uma significativa homenagem ao educador e ao Poeta. Já vos deveis orgulhar de ser Messines o bérço de João de Deus, a mais valiosa *carta de nobreza*, de que essa aldeia se pode orgulhar, o que vale bem, se não mais, todos os bustos, medalhões e estátuas; e não vos pareça puerilidade ou exígua circunstância o facto de se nascer neste ou naquele cantinho do nosso Planeta. Amanhã, um crítico, um investigador apetrechado com vasto saber na Ética, na Etnologia, na Psicologia acaso irá estudar nessa aldeia do florido Algarve a causa racial de ter vindo à luz o vosso Poeta e alcançará talvez explicação do seu génio poético, por confronto com o meio ou ambiência que o produziu; e estudará também por que razão nesses jogos de oiro e luz a rivalizarem com os das magnificências orientais, nessa graça de amendoeirias ostentando as suas flores logo em Janeiro, matizando-se da alvura da neve ou do róseo esmaecido do Sol a agonizar no Poente, por que milagre ou mistério da Natureza surgiram em Messines o Poeta e o seu *Campo de Flores*?

Sem o busto que ora se ergue em Faro que deverá fazer Messines? Pôr novamente mãos a um empreendimento mais significativo e bem mais útil: os Messinenses lançaram há anos os fundamentos de uma escola de ambos os sexos. Essa generosa iniciativa paralisou, por quaisquer razões de que não curamos aqui. Ficaram as paredes aguardando que um

novo esforço viesse completar a ideia há anos simpaticamente esboçada.

Tal «Escola-Modelo» é que constituiria um monumento expressivo, eloquente, capaz de rememorar o Poeta às gentes de hoje e às gerações futuras. Na frontaria uma lápide — se se quiser seguir a tradição — de mármore ou bronze; lá dentro, e isto seria o essencial, bons Professores que, além das primeiras letras e das noções que ajudassem as crianças de hoje a serem amanhã pessoas prestáveis à sociedade, ensinassem carinhosamente a ler pela sua Cartilha e a compreender algumas das suas poesias tão tocantes, tão de molde a falar de João de Deus aos corações e aos cérebros infantis.

Um busto e o seu plinto *pousando de estafermo* num recinto, e para o qual se olha hoje com fugidia curiosidade, amanhã com a indiferença peculiar às coisas vistas a tóda a hora, some-se na mudez do tempo; a «Escola-Modelo», ampla, aberta a todo o ar e a tóda a luz, atraente, acolhedora, com bons professores de trato meigo, paternal, vale cem mil vezes mais que quaisquer estátuas ou bustos, de modestas ou avantajadas proporções.

Mas, perguntar-se-há, como levar a cabo a obra paralisada desde longa data? Apele-se para o Estado, para Faro, para tódas as terras onde a pesca improvisa riquezas, interiores de luxo e palácios — alguns até de espavento! Apele-se para todo o Algarve, para todos os que conheceram João de Deus ou o admiram, embora o não tivessem conhecido.

A uma empresa tão simpática, queremos crer que não faltariam donativos, humildes uns, outros mais ou menos valiosos.

O busto é uma coisa parada, estática, muda; a Escola é *dinâmica*, quer dizer, é acção, é vida, é verbo que atrai e convence e se transmite de pais a filhos. Uma «Escola-Modelo» em Messines ensinaria a ler, a escrever, e ainda mais

— deveria ministrar rudimentos de agricultura, interessando, pelos exemplos e pela prática, os rapazes no trabalharem a terra, e estes aprenderiam como ela premeia as canseiras dos que a laboram de sol a sol.

Êsse é que seria o monumento por excelência, o porta-voz com o seu alto carácter propagandista, a homenagem de maior retumbância que S. Bartolomeu de Messines deveria prestar ao seu mais notável filho.

Medalhões, bustos, estátuas... Sabe-se: ocasião para os candidatos à fama de Garrett, José Estevam, António Cândido despejarem a cornucópia das suas flores de retórica diante do monumento, frases ôcas, vãs de bom sentido, dizendo quási sempre o avesso do verdadeiro valor do *homenageado*, como agora escrevem os nossos modernistas, à laia panúrgica.

Pretextos para *se fazer um bocadinho de figura*, no dia da inauguração... não é verdade?!

*

Estamos chegados ao momento do *Centenário*. A intellectualidade juvenil e aquela outra já embranquecida nos cabelos pelos anos vão prestar o seu preito ao poeta do *Campo de Flores*.

Avesso por temperamento a tôda a casta de exhibições gregárias releio essa *Bíblia de amor*, como lhe chamou Guerra Junqueiro, nos poucos momentos em que os seus juízos não enfermavam de prosopoeia empolada; contribuo assim no silêncio do lar com a veneração devida ao Lírico passeando pelo seu «Campo», e aspirando o aroma dos seus versos, muitos dos quais ingénuos, encantadores. *Encanto* — é a expressão que melhor lhes quadra.

Mas será o poeta lembrado nos futuros centenários?

Creio que sempre!

Emquanto perdurar a obra lírica de Camões, perdurará, assim o cremos, a obra lírica do seu legítimo herdeiro.

Versos da sua juvenildade:

Beijo na face pede-se e dá-se

 Não sou eu tão tola

 Eu, olhos, sei de uns

 Ah! Não ser eu o mármore que pisas...
 Calçava-te de beijos
 (Descalça)

Graça, frescura, candura imaginação comedida. Dir-se-ia que estamos ouvindo algumas melodias mozarianas e rossinianas...

Desce o poeta a uma dor trágica, a uma grande dor humana em Coimbra e deixa cair uma flor da mais sentida saudade sobre os túmulos de Rachel e sua mãe:

A D. Cândida Nazaréth

Despe o luto da tua soledade
 E vem junto de mim, lírio esquecido
 Do orvalho do Céu!

Pela centéssima vez releio esta elegia, e, como sempre me sucede, logo à primeira estrofe as lágrimas me acodem aos olhos: jámais me foi possível recitá-la; a comoção afogava-me a voz. Estou certíssimo de que o poeta Leconte de Lisle, o heleno, o pagão, o quási impassível Parnasiano, autor dos *Poèmes Barbares* se não dedignaria de subscrever aqueles tocantíssimos versos. Em quanto a alma portuguesa não fôr embotada pelas materialidades que nestes tempos estão envenenando os homens, aqueles versos serão sempre lidos por os que se comovem ante a Grande Dor alheia.

João de Deus, como Dante, como Camões rende um culto subjectivo a uma mulher ideal, com as perfeições que só o Amor Puro lhe pode atribuir. Na *Adoração*, uma das mais belas poesias do *Campo de Flores* e tida por alguns críticos — Teófilo Braga — como das mais notáveis do *lirismo universal*, João de Deus atinge as culminâncias do génio. A *Adoração* foi vertida na língua italiana pelo poeta napolitano António Pádula, com um escrúpulo amoroso de boa lei.

Sirvam de comparação duas estrofes: portugueza e italiana:

Vi êsse corpo de ave,
Que parece que vai
Levado como o sol ou como a lua
Sem encontrar beleza igual à sua;
Magestoso e suave,
Que surpreende e attrae!

(3.^a estrofe da *Adoração*).

Versão italiana:

Vidi il corpo tuo d'ucello,
che nell'aria sembra andar,
librato come il sol, come la luna,
senza uquale incontrar beltade alcuna,
e cosi maestoso e bello,
che bem sape affascinare.

(3.^a estrofe da *Adorazione*).

E a elegia: *A vida*, que adorável rapto de génio ela nos deixa entrever! Como melodia de abertura depara-se-nos um dos mais belos sonetos de que se pode orgulhar a Literatura Portuguesa:

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
.....
.....
Não sei se me voou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram...

Está neste Soneto, a nosso ver, representada a filiação lírica de João de Deus respeito ao grande lírico do século XVI,

Qual d'elles lhe ganha?
Os mais são collinas,
Elle é a montanha.

Eles... são os escritores com quem João de Deus compara Camões. Admira-o somente? Admira e sente que a sua alma vibra em unisono com a do cantor de *Natércia*, divinizada em versos de tonalidade petrarquina, para sempre imorredoiros nas nossas letras. Comparado com o soneto de abertura da *Vida* não se lhe encontrará se não a toada, como já o frizamos noutro lugar dêste esboço. A fonte emocional num como noutro, é idêntica. Por isso João de Deus é considerado como um fenómeno digno de singular estudo, surgindo-nos após quâsi três séculos depois da ocultação do astro que se chamou Camões. Ambos incarnam a alma portuguesa a qual não encontrara quem lhe exprimisse o génio, depois do Lírico que deu o nome de maior fama ao século mais brilhante de Portugal.

Significa isto que desdenhemos dos valores literários dos séculos XVII, XVIII e primeira metade do XIX?

De modo nenhum; mas houve um hiato, uma obnubilação de chama lírica. Reportando-nos aos comêços do século passado: o velho Castilho com os seus *Ciumes do Bardo e Amor e Melancolia* dá-nos uma poética fria, verbalista, sob um cânón clássico destituído de nervo, de vigor. Herculano oferece-nos uma poesia séria, por vezes com elevação, sempre sincera como se ela pretendesse ir de par com a dignidade proverbial do seu autor; mas... não interessa, como já não nos interessa êsse romance-poema, o *Eurico*, lido apenas como episódio do Romantismo vindo da Emigração e transplantado cá para a nossa Terra bracejando estiolados ramos por falta de tradição; o *Trovador* e seus poetas mal-avindos

com o Romantismo de raízes inadapáveis ao nosso meio que nos ofertariam? Poesia ora trivial, ora insípida, ora com intervalos apreciáveis de afectada composição. Não foram, pois, essas as fontes inspiradoras do nosso poeta, e sim o próprio génio, a própria emoção que o levou a ir procurar a *alma gémea* da sua, a alma de Camões traduzida nas suas *Canções*, *Quintilhas* e *Sonetos*. João de Deus, vividos dez dos seus anos em Coimbra como sorriria de piedade, lembrando-se da *Lua de Londres*, da banalidade — *Coimbra terra de encantos*, etc. com que o «Trovador» e análogas fôlhas ganharam há 60 e mais anos os corações dos nossos avós, cheios de piedade, de ignorância e de rapé!

Coimbra terra de encantos
Do Mondego alegre flor;
Venho pagar-te em meus cantos
Tributo de antigo amor.

.....

Compare-se esta trivialidade com os versos que o lendário rio inspirou a Camões!...

A alma portuguesa, a alma lírica, entenda-se, adormecida durante quasi trescentos anos, acordou finalmente ao *surge, et ambula!* que lhe segredou João de Deus.

*

Não fôra eu forçado a conservar-me em casa durante vinte dias e teria assistido, fora dos meus hábitos — desadoro o *mesmismo* e o *panurgismo* — a algumas das manifestações em honra de João de Deus. Contentei-me, portanto, com os ecos do 1.^o *Centenário*.

De tudo o que se disse e escreveu, com mais ou menos valor crítico e literário, destaco um juízo do poeta Sr. Afonso Lopes Vieira, apreciando o critério seguido por Teófilo Braga

como colecionador do *Campo de Flores*. O Sr. Lopes Vieira por muito respeito a João de Deus não lhe manifestou o seu desacôrdo do plano da colectânea. Ao lado de primores líricos, e que definem a natureza poética do autor de *Adoração* versos de outros tons, de outros valores.

Impressão análoga experimentara eu há muitos anos, quando em 1903 João de Deus me ofertou um exemplar do seu *Campo*: senti, relendo o quási de um fôlego, certa estranheza, isso que na música se define por *dissonância*. E perguntava a mim mesmo:

Como podem alcançar iguais quilates, as joias líricas — *Aroma e Ave, Adoração, Despe o luto da tua soledade, Anjo da Guarda, Encanto* emparceiradas com *A Versão do Zulu, Os dois irmãos (sic), Pires de Marmelada, Uma mão de variações* e outros versos de carácter satírico ou cáustico, alguns quanto ao bom-gôsto, claudicando mesmo um nadinha?

Não tive coragem, dada a amizade e veneração pelo Poeta de arriscar a mais ligeira observação sôbre essa mistura, perdoe-se-nos a expressão, do *divino com o profano*.

A observação do Sr. Lopes Vieira, levanta, no campo crítico, um problema — o de se fazer uma futura edição da obra de João de Deus sob um outro critério.

Não está muito longe, a caída da obra poética do nosso lírico, no domínio público (1.^a edição, coleccionada por Teófilo Braga, 1893). Virão a lume novas edições, e não será talvez des acertado pensar que os versos do nosso Poeta passem a figurar em dois volumes. No primeiro que conservaria o título — *Campo de Flores*, caberia só a obra retintamente lírica de João de Deus; no segundo, que se poderia intitular — *Horas de Lazer* ou *Horas de Desenfado*, caberia a matéria poética, com o seu carácter ora sarcástico ora satírico, em que é transparente o tagante — não tão comprido nem compulsado com tanta virulência, como o que Juvenal e Marcial empunharam para flagelar os vícios da

Roma da decadência, — sem deixar comtudo de fazer a devida justiça àquele que merecia a tagantada. João de Deus, nas suas horas de lazer, asseitava os podres, os ridículos, as misérias do seu tempo, mas sem propósitos de meter neles um ferro em brasa: do seu coração não saíam ódios; flagelava sorrindo, até-mesmo quando com o rebenque alcançava os detratores da sua *Cartilha*.

Tal se nos afigura o critério que deverá inspirar os futuros editores da obra poética de João de Deus...

JOSÉ T. DA SILVA BASTOS.